

## COOPERATIVISMO DE PLATAFORMA: uma revisão sistemática

*Kelen Christina Leite\**  
(UFSCar, Brasil)

*Roberta Cristiane Sanches Casare\*\**  
(Arbit Consultoria, Brasil)

*Fabio Armando Rocha\*\*\**  
(Centro Tecnológico Paula Souza, Brasil)

 <https://doi.org/10.29404/rtps-v9i14.1008>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é mapear a literatura emergente sobre cooperativismo de plataforma, particularmente compreender as temáticas que estão sendo abordadas pelas pesquisas, as metodologias utilizadas, os resultados e as questões em aberto que demandam aprofundamento ou novas pesquisas. Para tanto, utilizou-se do método de revisão sistemática, cujas pesquisas abordam trabalhos publicados na Plataforma Periódicos CAPES no intervalo de quinze anos (2008-2023). Os resultados apontaram 88 trabalhos, levando-se em consideração os descritores iniciais em português e inglês. Após a aplicação dos parâmetros de exclusão/inclusão, chegou-se ao número de 43 trabalhos que servem de base para esta pesquisa. Os trabalhos, em sua maioria, apontam para o cooperativismo de plataforma como proposta que se contrapõe ao capitalismo de plataforma e ressaltam os limites e desafios de tal proposta e a necessidade de aprofundar estudos.

**Palavras-chave:** Capitalismo. Cooperativismo. Trabalho por Aplicativos Digitais. Trabalho Precário.

---

\* Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com estágio doutoral em Economia Civile pela Università Degli Studi di Milano-Bicocca. Atua como docente do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE) da UFSCar, onde integra o quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana (PPGECH/UFSCar). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8590-1857> E-mail: [kelen@ufscar.br](mailto:kelen@ufscar.br)

\*\* Mestre em Estudos da Condição Humana pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade de São Paulo (USP). Atua como Líder de Capital Humano na Arbit Consultoria. É Membro da Associação Brasileira de Orientação Profissional e de Carreira (ABRAOPC). ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0003-4124-0529> . E-mail: [robertacasare@gmail.com](mailto:robertacasare@gmail.com)

\*\*\* Mestre em Estudos da Condição Humana pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atua como Professor de Ensino Médio e Técnico no Centro Tecnológico Paula Souza (CPS). ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0002-1230-2244> . E-mail: [rochafabio@estudante.ufscar.br](mailto:rochafabio@estudante.ufscar.br)

## PLATFORM COOPERATIVISM: a systematic review

**Abstract:** The purpose of this article is to map the emerging literature on platform cooperativism, particularly to understand the themes that are being addressed by the research, the methodologies used, the results and the open questions that require further investigation or new research. To this end, the systematic review method was used, whose research covers works published in the CAPES Periodicals Platform over a period of fifteen years (2008-2023). The results showed 88 works, considering the initial descriptors in Portuguese and English. After applying the exclusion/inclusion parameters, we arrived at 43 works that serve as the basis for this research. Most of the works point to platform cooperativism as a proposal that opposes platform capitalism and highlights the limits and challenges of such a proposal and the need for further studies.

**Keywords:** Capitalism. Cooperativism. Work by Digital App. Precarious Work.

## COOPERATIVISMO DE PLATAFORMAS: una revisión sistemática

**Resumen:** El objetivo de este artículo es mapear la literatura emergente sobre cooperativismo de plataforma, particularmente para comprender los temas que están siendo abordados por la investigación, las metodologías utilizadas, los resultados y las preguntas abiertas que requieren mayor investigación o nuevas investigaciones. Para ello se utilizó el método de revisión sistemática, cuya investigación abarca trabajos publicados en la Plataforma de Periódicos CAPES en el período 2008-2023. Los resultados arrojaron 88 trabajos, teniendo en cuenta los descriptores iniciales en portugués e inglés. Luego de aplicar los parámetros de exclusión/inclusión llegamos a 43 trabajos que sirven de base a esta investigación. La mayoría de los trabajos apuntan al cooperativismo de plataformas como una propuesta que se opone al capitalismo de plataformas y resalta los límites y desafíos de tal propuesta y la necesidad de realizar más estudios

**Palabras clave:** Capitalismo. Cooperativismo. Trabajo Por Aplicativos Digitales. Trabajo Precario.

## Introdução

O objetivo deste artigo de revisão é mapear a literatura emergente sobre o cooperativismo de plataforma. Estamos particularmente interessados em compreender as temáticas abordadas pelas pesquisas, as metodologias utilizadas, os resultados obtidos e as questões em aberto que demandam aprofundamento ou novas pesquisas.

O desenvolvimento das tecnologias digitais impulsionou, especialmente após a crise de 2008, a emergência de um novo modelo empresarial – e não apenas isso, alguns acreditam que seja um novo modelo de sociedade – denominado plataforma.

Conforme destacou Nick Srnicek (2017), desenvolvidas principalmente em resposta à necessidade de gerenciar grandes volumes de dados, as plataformas tornaram-se um meio eficaz para manipular, extrair, analisar e utilizar uma quantidade gigantesca de dados armazenados. Grandes empresas tecnológicas como Google, Facebook e Amazon, startups como Uber e Airbnb, bem como gigantes industriais como John Deere e Monsanto, têm se

beneficiado desse sistema de plataformas. Em sua definição, as plataformas são genericamente infraestruturas digitais que possibilitam a interação entre dois ou mais grupos. De acordo com essa perspectiva, as plataformas são intermediárias que aproximam diferentes usuários, incluindo clientes, prestadores de serviço, produtores, fornecedores e até mesmo objetos físicos. Assim,

em síntese, as plataformas são um novo tipo de empresa, caracterizadas por fornecerem a infraestrutura necessária para mediar diversos grupos de usuários, mostrando tendências monopolistas impulsionadas por efeitos de rede, utilizando subvenções cruzadas para atrair grupos de usuários diferentes e usando uma arquitetura de base que regula a possibilidade de interação. (Srnicek, 2017, p. 46).

No entanto, esse novo paradigma apresenta inúmeros desafios, incluindo a concentração de poder e riqueza nas mãos das grandes empresas gestoras das plataformas, as quais passam a enxergar os trabalhadores simplesmente como usuários da plataforma conforme descritos em Srnicek (2017); Benedetto Vecchi (2017); João Francisco Cassino, Joyce Souza, Sérgio Amadeu Silveira (2021); Ludmila Costhek Abílio (2019). Além disso, observa-se: a precarização do trabalho pela supressão de direitos trabalhistas, segundo Mark Graham *et al.* (2017); a intermitência das relações de “colaboração” e/ou trabalho, de acordo com Ricardo Antunes (2020); a deterioração das condições de trabalho, apontada por Mohammad Amir Anwar e Mark Graham (2020); a organização de trabalhadores e o trabalho digital, segundo Isabel Roque (2020), o controle absoluto por meio do gerenciamento algorítmico, analisado por Evgeny Morozov (2018) e Jamie Woodcock (2020); a reprodução algorítmica e o colonialismo digital, como apontaram Deivison Faustino e Walter Lippold (2023) e Benedetto Vecchi (2017); além dos processos de concentração de poder, mudança na mobilidade urbana e gentrificação, conforme David Wachsmuth e Alexander Weisler (2018), Mara Ferreri e Romola Sanyal (2018).

Nesse contexto, o cooperativismo de plataforma, segundo Trebor Scholz (2016), se apresentaria como uma possibilidade de resistência e de proposição de caminhos alternativos. Dada sua natureza recente, há um campo ainda muito diversificado e fragmentado de experiências e realizações.

Assim, o cooperativismo de plataforma é um conceito emergente em um cenário que procura integrar, em algumas experiências, os princípios cooperativos tradicionais, tais como autogestão, igualdade, solidariedade e participação, com as oportunidades oferecidas pelas plataformas digitais. Esse modelo visa superar as limitações e os desafios do modelo platformizado imposto pelas grandes corporações no qual uma empresa centralizada controla as atividades e os benefícios da plataforma. Em vez disso, busca-se uma abordagem mais democrática e colaborativa.

Conforme Scholz (2016), o século XXI é marcado por desestruturação e desmonte dos direitos trabalhistas associados a um aumento significativo de serviços mal remunerados que resultam em maior precarização do trabalho e da vida, deslocando milhões de pessoas para a chamada “economia de bicos”. O autor enfatiza ainda que em breve enfrentaremos o fim de muitas profissões e empregos tal como os conhecemos hoje, sendo que diversas atividades estão sendo e/ou serão “uberizadas” ou platformizadas.

Dessa maneira, o cooperativismo de plataforma apareceria como uma possibilidade de construção de novos rumos e usos das plataformas, visando maior participação dos usuários e uma democratização dos serviços e da própria utilização das plataformas que,

nas palavras de Scholz (2016, p. 18), se caracterizariam por uma equidade para o trabalho em plataformas.

Assim, este artigo tem como objetivo realizar um mapeamento da literatura emergente sobre cooperativismo de plataforma. Buscará compreender as temáticas abordadas nas pesquisas, as metodologias empregadas, os resultados obtidos e as questões ainda não resolvidas que exigem aprofundamento ou novas investigações por meio da condução de uma revisão sistemática de publicações nacionais e internacionais.

## Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho são inspirados e referenciados nas revisões sistemáticas e integrativas, conforme apontado por Robin Whitemore e Kathleen Knafl (2005). Essa abordagem específica de revisão busca compreender a literatura produzida, tanto empírica quanto teórica, com o objetivo de contribuir para uma compreensão abrangente de um determinado fenômeno. Em outras palavras, buscamos estabelecer o estado da arte a partir de uma discussão específica. Conforme delineado por Whitemore e Knafl (2005), essa revisão envolve cinco etapas: 1) identificação do problema/questão; 2) pesquisa bibliográfica; 3) avaliação dos dados; 4) análise dos dados e, por fim, 5) apresentação com síntese dos resultados. Fazendo uso dessas orientações, o presente artigo seguiu os seguintes passos.

O problema/questão identificado parte da constatação de que, a partir da crise de 2008, houve uma proliferação das chamadas plataformas digitais e, nos últimos anos, há interesse crescente em se pensar a possibilidade de um cooperativismo de plataforma que possa, de algum modo, se contrapor ao poder exercido pelas grandes plataformas digitais, como já mencionado. Assim, o objetivo é mapear a literatura emergente sobre cooperativismo de plataforma e, particularmente, compreender quais as temáticas que estão sendo abordadas pelas pesquisas, as metodologias utilizadas, os resultados e as questões em aberto que demandam aprofundamento ou novas pesquisas.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica na base de dados do Portal Brasileiro de Informação Científica, mais conhecida como Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Tal plataforma disponibiliza o acesso não apenas às publicações abertas, mas também a várias bases de dados de acesso restrito. Os documentos selecionados na base de dados do Periódicos CAPES tiveram como critério de inclusão: serem artigos científicos, revisados por pares, publicados entre 2008 e 2023. Os descritores utilizados foram: "cooperativismo de plataforma" e "*platform cooperativism*". Não houve detalhamento de outros filtros devido ao número razoável de resultados permitindo que se trabalhasse, inicialmente, com todos eles.

Na base de dados disponível no Periódicos CAPES usamos, primeiro, o descritor: "cooperativismo de plataforma", resultando em 32 documentos. A seguir, aplicamos o filtro: "revisado por pares", chegando a 21 artigos. Delimitando o período analisado entre 2008-2023 os mesmos 21 artigos foram listados, marcando, portanto, que a primeira publicação sobre o assunto, na plataforma, é de 2011. Uma vez que o resultado não compreendia um número significativamente grande, passamos à leitura dos títulos e resumos para, posteriormente aplicar os critérios de exclusão.

O mesmo critério foi utilizado para o termo em inglês "*platform cooperativism*", resultando em 56 documentos. A seguir, aplicamos o filtro "revisado por pares", o que levou a 42 artigos. Delimitando o período entre 2008-2023, a busca resultou nos mesmos 42 artigos, marcando, assim, a primeira publicação sobre o assunto, na plataforma, no ano de 2011. Para manter o critério da busca em português, passamos à leitura dos títulos e resumos para que fossem, posteriormente, aplicados os critérios de exclusão.

O terceiro passo foi organizar os dados encontrados dos 63 artigos. Tais resultados foram catalogados em uma planilha a partir das seguintes informações: autores, ano de publicação, periódico, local do periódico, língua da publicação, resumo, objetivos, metodologia, resultados e conclusões.

A esses dados, compondo um quarto passo, foram aplicados critérios de inclusão e exclusão, ou seja, trabalhos duplicados presentes nas diversas bases de dados, ou duplicados em relação à língua, foram excluídos. Eliminamos também os trabalhos que focavam em algum tipo de revisão bibliográfica. Foram, ainda, eliminados os trabalhos que, a partir da leitura dos resumos, não se prestavam aos objetivos deste artigo, aprofundando-se em questões como: modelos de negócios, economia online, *sharing economy*, plataforma de governança, *smart city*, extrativismo agrário, empreendedorismo, governo participativo, gestão pública e *crowdfunding*, plataformas de condomínio, gestão de condomínios.

Desse modo, chegou-se a um total de nove artigos a partir do descritor cooperativismo de plataforma e quinze artigos com o descritor *platform cooperativismo*, totalizando 24 artigos que foram lidos na sua integralidade.

## Resultado sobre as publicações selecionadas

Os artigos selecionados, conforme a metodologia indicada, estão descritos no Quadro 1 a partir de seus(as) autores(as), título, periódico, local de publicação e ano, ordenados cronologicamente de forma crescente.

**Quadro 1 – Dados dos artigos selecionados para primeira análise**

Autor(a)	Título	Periódico	Ano	País
Passoni, A; Pievatolo, M. C.	Economia delle piattaforme e architettura digitale delle scelte. Appunti sull'alternativa cooperativa.	Bollettino telematico di filosofia politica	2016	Itália
Grohmann, R.	Cooperativismo de plataforma e suas contradições: análise de iniciativas da área de comunicação no Platform.Coop	Liinc em Revista	2018	Brasil

Morell, M. F; Espelt, R.	A Framework for Assessing Democratic Qualities in Collaborative Economy Platforms: Analysis of 10 Cases in Barcelona	Urban science	2018	Suíça
Zygmuntowski, J.J.	Commoning in the digital era: platform cooperativism as a counter to cognitive capitalism	Praktyka Teoretyczna	2018	Polónia
Bassetti, C. et.al	Co-designing for common values: creating hybrid spaces to nurture autonomous cooperation	CoDesign	2019	Inglaterra
Lampinen, A. et. al	Member-Owned Alternatives: Exploring Participatory Forms of Organising with Cooperatives	Proceedings of the ACM on human-computer interaction	2019	França
Massimiliano, N; Nicoli; Paltrinieri.	Platform Cooperativism: Some Notes on the Becoming "Common" of the Firm	The South Atlantic Quarterly	2019	Estados Unidos
Bolzam, A. C; Pinto, C.A.	Benefícios da criação de uma plataforma de negócios exclusiva para atendimento dos condomínios residenciais do estado de São Paulo	Revista de Gestão e Organizações Cooperativas	2019	Brasil
Araújo, J. N. G.	Neoliberalismo e horizontes da precarização do trabalho	Cadernos de Psicologia Social do Trabalho	2020	Brasil
Cobo, J. M. D.	Las plataformas colaborativas como oportunidad para la innovación social	REVESCO	2020	Espanha

Dip, J. A. et.al	Cooperación y reciprocidad en la economía colaborativa de Airbnb. Un estudio para la provincia turística de Misiones, Argentina	REVESCO	2020	Argentina
Sandoval, M.	Entrepreneurial Activism? Platform Cooperativism Between Subversion and Co-optation	Critical sociology	2020	Inglaterra
Lovett, M.	Directions in Music: Stakeholder Perspectives on Blockchain Innovations in Music Streaming	Frontiers blockchain	2020	Suíça
Milton H; Silva. A. A	Modelo de negócios em plataforma digital para comercialização de flores no Brasil Digital platform business model for flower marketing in Brazil	Navus	2020	Brasil
Papadimitropoulos, E.	Platform Capitalism, Platform Cooperativism, and the Commons	Rethinking Marxism	2021	Inglaterra
Mello Rose, F.	The unexpected persistence of non-corporate platforms: The role of local and network embeddedness	Digital geography and society	2021	Alemanha
Fuchs, C.	The Digital Commons and the Digital Public Sphere: How to Advance Digital Democracy Today	Westminster Papers in Communication and Culture	2021	Inglaterra
de Broves, O. R.	Les coopératives au secours des travailleurs de plateforme: quelles innovations contre l'ubérisation?	Canadian journal of nonprofit and social economy research	2022	Canadá

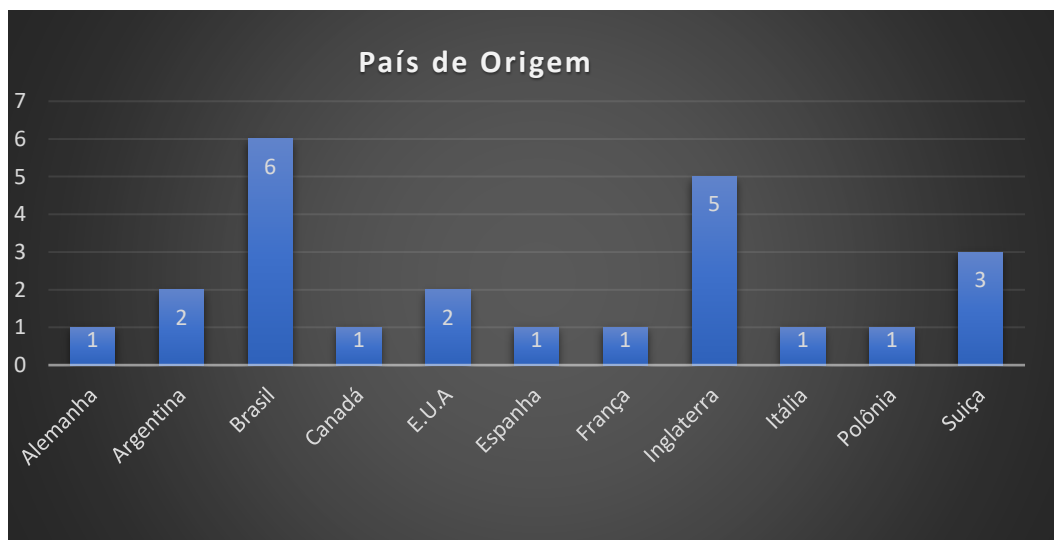
Dalmoro, M. et.al	Princípios do Cooperativismo de Plataforma nos arranjos de mercado	Rimar-Revista interdisciplinar de Marketing	2023	Brasil
Alvear, C. et.al	Economia Solidária 2.0 por um cooperativismo de plataforma solidário	P2P & Inovação, 2023	2023	Brasil
Le Lay, S; Lemozy, F.	Doesplatform cooperativism represent a future for work? The case of a French cooperative of bike couriers	Organization	2023	Inglaterra
Kwan, C.	Toward an inclusive digital economy for all: Perspectives from an intersectional feminist social work lens	International Social Work	2023	E.U.A
Kasparian, D. et.al	Socio-Labour Inclusion of Low-Income Women in the Digital Economy: A Comparison between Corporate and Cooperative Domestic Work Platforms	Social Sciences	2023	Suíça
Otero, A. E.	Juventudes, cooperativismo y plataformas digitales. una experiencia argentina en construcción	Rev. Ciencias Sociales	2023	Argentina

Fonte: os autores

Pode-se observar que a maioria dos 24 artigos selecionados foram originados de pesquisas realizadas por dois ou mais autores (as). Em sua maioria (por volta de 70%) os autores dos artigos são homens. Percebe-se que não há, até o momento, qualquer concentração de publicações em periódico específico. Há uma diversidade de áreas que publicam sobre a temática demarcando um objeto de caráter interdisciplinar.



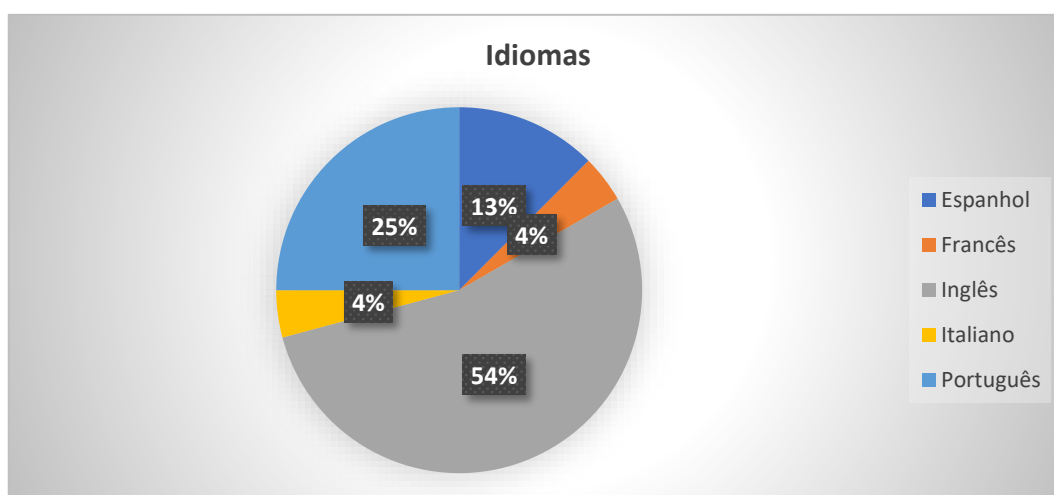
Gráfico 1 – País de origem dos periódicos



Fonte: os autores

O Gráfico 1 apresenta os países de publicação dos periódicos, considerando a busca realizada com descritores em português e inglês. Observa-se uma concentração significativa de publicações no Brasil, totalizando seis artigos. Na América Latina, além dos seis artigos brasileiros, identificamos mais dois na Argentina. Já as publicações com descritores em inglês estão distribuídas por diversos países, totalizando dezoito, sendo treze da Europa, considerada o berço do movimento cooperativista.

Gráfico 2 – Idiomas das publicações

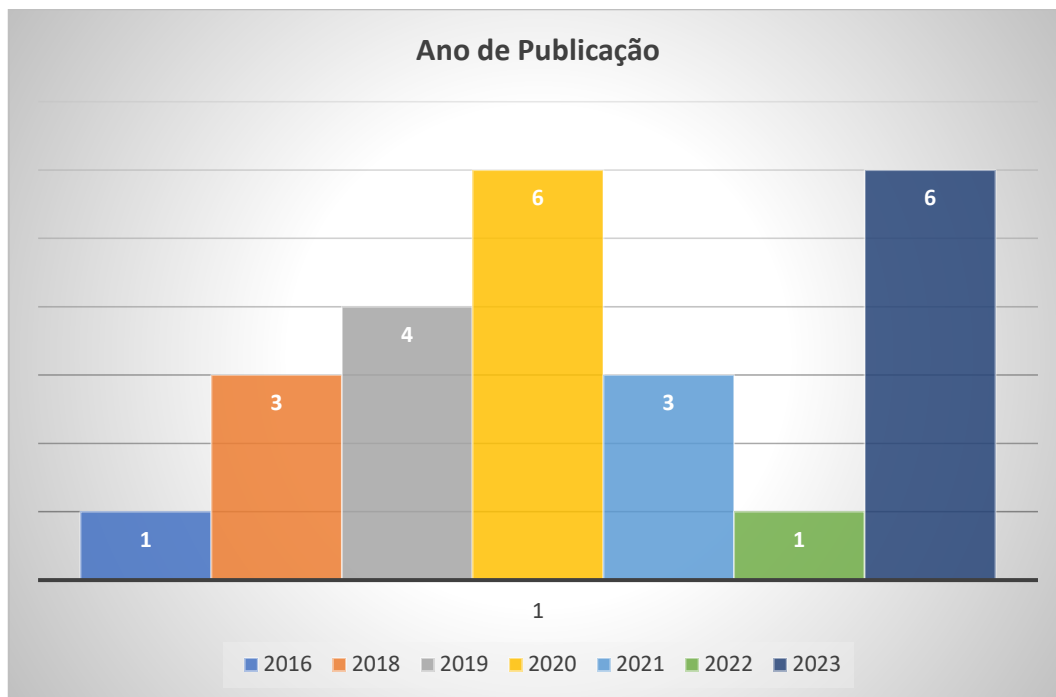


Fonte: os autores

No Gráfico 2 são destacados os idiomas dos artigos encontrados, considerando tanto os descritores em português quanto em inglês. A maioria das publicações está em inglês,

54% do total. Em seguida, temos o português com 25%, o espanhol com 13%, e tanto o italiano quanto o francês correspondem a 4% cada.

**Gráfico 3 - Anos de Publicação dos artigos**

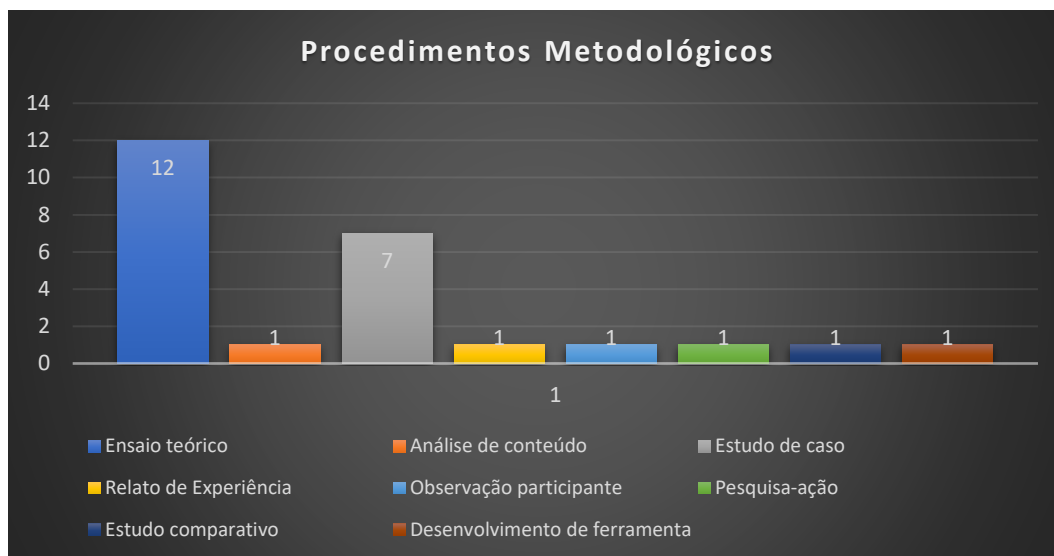


Fonte: os autores

No Gráfico 3, apresentamos o ano de publicação dos artigos, com o corte temporal inicial em 2008, definido por marcar a crise econômica resultante do crescimento dos empréstimos subprime, associados a altos níveis de inadimplência, execuções hipotecárias e práticas creditícias abusivas potencializadas pelo uso de novos instrumentos financeiros, levando à insolvência do sistema financeiro (Leite, 2020). Porém, tanto na busca com o descritor em português quanto em inglês, foram identificadas publicações apenas a partir de 2011. Portanto, Aplicados os critérios de exclusão, a produção foi demarcada a partir de 2016, bastante recente. Entre 2016 e 2020, observamos um certo crescimento no interesse pela temática. Os anos de 2021 e 2022 são considerados atípicos porque marcados pelas consequências da pandemia de Covid-19 que impactou a produção acadêmico-científica de forma significativa nesses dois anos. Contudo, o ano de 2023 marca uma retomada nas publicações.

O Gráfico 4 demonstra os procedimentos metodológicos dos artigos selecionados cujos resultados revelam que a maioria dos estudos possui caráter teórico. No entanto, ao considerarmos estudos de caso, observação participante, estudo comparativo, análise de conteúdo, relato de experiência, pesquisa-ação e desenvolvimento de ferramenta, observa-se uma proporção equilibrada entre estudos teóricos e empíricos.

O Gráfico 4 - procedimentos metodológicos dos artigos selecionados



Fonte: os autores

A nuvem de palavras apresentada no Gráfico 5 é uma visualização das palavras-chave encontradas nos artigos.

Figura 1 – Nuvem e palavras a partir das palavras-chave



Fonte: os autores

## Discussão

Tendo presente que o objetivo primordial deste artigo é, não apenas mapear a literatura emergente sobre cooperativismo de plataforma, mas também compreender as temáticas que estão sendo abordadas nos artigos, os resultados e as questões em aberto que demandam aprofundamento ou novas pesquisas, foram delimitados, a partir da leitura integral dos 24 artigos, aqueles que estavam diretamente relacionados às nossas preocupações.

Desse modo, foram excluídos aqueles que tangenciavam o tema, mas não o colocavam como centro do próprio texto. Esses abordavam questões como: arquitetura digital; bens comuns digitais; design participativo; movimento cooperativo; gerenciamento digital; precariedade do trabalho digital; plataforma colaborativa; plataforma digital; gestão do conhecimento por plataformas digitais; economia social; financiamento colaborativo; *blockchain* e *streaming* de música. Com essas exclusões, chegamos aos doze artigos que passam a ser apresentados.

O cooperativismo de plataforma é destacado por Dalmoro, Wegner e Schiavini (2023) como uma alternativa ao capitalismo de plataforma. Em suas análises, os autores propõem a criação de novos arranjos de mercado vinculados a plataformas cooperativas, combinando os princípios do cooperativismo e de governança, visando estabelecer uma tipologia para categorizar diferentes configurações de arranjos de mercado.

Em suas conclusões, os autores apontam os limites percebidos no cooperativismo de plataforma, muitos dos quais estão relacionados aos desafios do próprio movimento cooperativista. Eles destacam a possibilidade de empreendimentos adotarem práticas capitalistas, tendência a uma ambivalência entre os princípios de cooperação, solidariedade, democracia e propriedade comum, e, por outro lado, a lógica competitiva e individualista do capitalismo. Apesar dessas limitações, reconhecem o cooperativismo de plataforma como um passo em direção a alternativas capazes de desafiar e desnaturalizar a centralidade das corporações nos arranjos de mercado da economia do compartilhamento.

A partir de discussões sobre cooperativas, capitalismo e cooperativismo de plataforma, Rafael Grohmann *et al* (2018) analisam os textos presentes na aba de apresentação de iniciativas da área de comunicação e mídia presentes no *site* Platform.Coop, criado por Trebor Scholz, referência mundial no cooperativismo de plataforma. O objetivo dos autores é compreender quais valores e visões de mundo tais iniciativas fomentam, seus alcances e limites, mostrando pistas de como essas iniciativas entendem o trabalho cooperativo e o próprio trabalho na área da comunicação. A pesquisa apontou as contradições nos enunciados de tais iniciativas do cooperativismo de plataforma, envolvendo ajustamentos às prescrições do modo de produção capitalista. A abordagem recaiu sobre o que a cooperativa diz sobre si mesma e como as marcas enunciativas que se relacionam a um *ethos* deixam vestígios e rastros de sentidos discursivos em relação a como compreendem o trabalho cooperativo.

A conclusão dos autores é que as cooperativas exibem uma natureza contraditória em suas concepções iniciais, influenciada por suas formas de inserção no sistema capitalista. Essas contradições são particularmente acentuadas no atual estágio do capitalismo, especialmente diante de projetos distintos como: o cooperativismo de plataforma e a

abordagem mais radical da cooperativa como um projeto de transformação política e social. A análise revela, ainda, lacunas nos discursos das cooperativas de plataforma, especialmente em relação à democracia no trabalho, sem explorar detalhes sobre o trabalho associativo, redistribuição de mais-valia ou o conceito do “comum”.

Analia Elizabeth Otero (2023) apresenta uma discussão sobre o cooperativismo de plataforma na Argentina, explorando a viabilidade de gerar renda para os jovens diante dos desafios sociais e econômicos que afligem o país no período pós-pandêmico. Sua abordagem é enriquecida por relatos de experiências, revelando uma perspectiva singular que se desenha a partir da implementação de plataformas digitais ancoradas nos princípios do cooperativismo.

A conclusão da autora destaca a existência de uma possibilidade ainda pouco explorada dentro do contexto local. A experiência analisada assume relevância ao colocar os direitos dos trabalhadores no centro de suas operações, estabelecendo, assim, um movimento ascendente em prol das plataformas cooperativas. Tal paradigma contrasta significativamente com os efeitos negativos associados ao capitalismo de plataforma. A pesquisa, por meio da singularidade da experiência argentina, busca demonstrar os benefícios e potenciais transformadores do cooperativismo de plataformas digitais. Contribuindo, assim, para a compreensão e delineamento de alternativas viáveis diante dos complexos desafios socioeconômicos pós-pandêmicos.

Apesar do extenso histórico do movimento cooperativista, a análise sob a perspectiva da saúde física e mental dos cooperados permanece limitada. Stéphane Le Lay e Fabien Lemozy (2022) percorrem esse caminho em sua pesquisa, que se concentra, a partir da psicodinâmica do trabalho, no estudo de uma cooperativa francesa de entregadores que efetuam entregas com bicicletas.

Os autores buscam entender como aspectos relacionados à saúde, inseparáveis da relação subjetiva com o trabalho, influenciam as escolhas individuais dos sujeitos para se envolverem em uma “aventura empreendedora” alternativa, como cooperativas de plataforma. Os resultados da pesquisa destacam que a saúde, intrinsecamente ligada à percepção subjetiva do trabalho, lança luz sobre as decisões individuais dos trabalhadores.

O diferencial da cooperativa estudada por Le Lay e Lemozy (2022) está nos princípios que sustentam suas atividades, representando uma ruptura com o ambiente tradicional, especialmente em comparação com os entregadores de plataforma. Ser parte dessa cooperativa implica desafiar a percepção individualista e alienante que muitas vezes está associada aos entregadores de bicicleta e, em maior medida, aos entregadores de plataforma. A iniciativa é, portanto, um esforço coletivo para confrontar a ideologia que permeia a organização do trabalho nas empresas capitalistas, adotando princípios, valores e regras de trabalho alinhados com as preocupações sociais atuais e compartilhando semelhanças com os princípios do ativismo de cooperação de plataforma (Scholz, 2016). Nesse sentido, a cooperativa representa uma tentativa coletiva de reavivar as promessas de emancipação através do trabalho, destacando seu impacto positivo na saúde mental e física dos trabalhadores.

O debate sobre o comum e os bens comuns emerge como uma temática presente em alguns dos trabalhos analisados aqui. Massimiliano e Paltrinieri (2019) não apenas apresentam uma análise do cooperativismo de plataforma, mas situam essa realidade

dentro do contexto mais amplo do debate sobre o “comum”. Destacam que o cooperativismo de plataforma, embora seja um movimento de pequena escala, não é utópico.

Os autores enfatizam essa característica ao reconhecer que o cooperativismo de plataforma não busca uma transformação completa da sociedade como condição preliminar para a emancipação. Entendem que as relações de poder na sociedade atual são complexas e vão além da luta exclusiva pela emancipação econômica e política. Nesse sentido, na visão dos autores, o cooperativismo de plataforma não aspira cancelar abruptamente as transformações antropológicas neoliberais que conduziram à formação do empreendedor de si. Pelo contrário, busca preservar a necessidade de autonomia e independência, desvinculando-as da lei da concorrência e da valorização estritamente individual.

É destacado que a emancipação não é uma novidade, mas é produzida coletivamente e moldada como uma iniciativa comum. Se o modelo de cooperativismo de plataforma leva a empresa capitalista a ultrapassar um limite além do qual a construção real de uma empresa do comum torna-se possível, então, para Massimiliano e Paltrinieri (2019), esse modelo pode ser considerado como uma das várias tentativas contemporâneas de organizar pragmaticamente uma reviravolta na economia.

O potencial de transição do capitalismo de plataforma para uma economia ética pós-capitalista orientada para os bens comuns é também explorado por Papadimitropoulos (2021). O capitalismo de plataforma seria uma versão “atualizada” do capitalismo em direção às plataformas de software online. Trebor Scholz (2016) justapõe o cooperativismo de plataforma com o capitalismo de plataforma, com o objetivo de superar o último através da propriedade comunal, da governança democrática e da distribuição equitativa de valor. Michel Bauwens, Vasilis Kostakis e Alex Pazaitis (2019) criticam o cooperativismo de plataforma como insuficiente, na medida em que operaria sob um sistema fechado de direitos autorais. Em vez disso, defendem a incorporação do cooperativismo de plataforma num modelo mais amplo de cooperativismo aberto, baseado nos princípios da produção entre pares baseada em bens comuns. O ensaio termina com uma avaliação crítica do modelo de cooperativismo aberto reafirmando a necessidade de se pensar uma economia ética pós-capitalista orientada para os bens comuns.

A afirmação de que o cooperativismo de plataforma emerge como uma alternativa à economia de compartilhamento corporativa, propondo um modelo baseado em cooperativas governadas e controladas democraticamente é ressaltada por Marisol Sandoval (2020). A proposta, diz a autora, é aparentemente simples e persuasiva, seria como eliminar intermediários corporativos e substituir serviços como Uber por iniciativas de propriedade geridas pelos próprios motoristas, criar versões de atividades como Airbnb em gestões municipais ou converter o controle do Facebook em uma plataforma democrática para todos os usuários.

Sandoval (2020) explora as ambivalências desse movimento, abordando tanto seu potencial para subverter o capitalismo digital de dentro para fora quanto o risco de ser cooptado por ele. O cooperativismo de plataforma busca promover mudanças sociais por meio da criação de uma “Internet do Povo”, substituindo plataformas de propriedade corporativa por cooperativas de propriedade dos usuários. Esse movimento conjuga ativismo social com iniciativas empresariais, resultando em tensões e contradições entre

política e empresa, democracia e mercado, bens comuns e comercialização, ativismo e empreendedorismo.

A análise dessas tensões geradas nesse processo é explorada pela autora sob uma perspectiva marxista, examinando os poderes corrosivos da competição capitalista por um lado e uma crítica foucaultiana ao empreendedorismo por outro. O ensaio conclui com uma reflexão crítica sobre a política do cooperativismo de plataforma, enfatizando as implicações problemáticas de uma adoção acrítica do empreendedorismo e destacando a necessidade de uma política fundamentada em solidariedade social, igualdade e bens públicos.

Zygmuntowski (2018) destaca que, com a ampla adoção das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), as plataformas, redes sociais e empresas de economia compartilhada surgiram como modelos organizacionais econômicos dominantes. O autor propõe uma análise microscópica dessas entidades, explorando a teoria do capitalismo cognitivo e argumentos contrários para fornecer uma compreensão holística sobre como o valor é capturado e acumulado por meio de aparatos tecnológicos.

O cooperativismo de plataforma surge, para o autor, como uma proposta de contra-ataque igualitário e sustentável a longo prazo, buscando conceber novas ferramentas alinhadas com o paradigma dos bens comuns. O artigo oferece insights sobre especificações, desafios e próximos passos necessários para aprimorar as cooperativas de plataforma e construir um futuro mais promissor.

Conclui que as cooperativas de plataforma parecem ser respostas promissoras ao fazerem uma declaração ousada e combinar tradições de longa data com a tecnologia mais recente. Um mundo igualitário, democrático e *peer-to-peer* precisa da sua própria infraestrutura – e as cooperativas digitais são o caminho a seguir. Essa resposta pode não ser a resposta perfeita e definitiva, pois algumas questões ainda permanecerão. Conclui com o uma pergunta: seria possível que uma cooperativa digital atinja a escala necessária para realizar investimentos maciços e possivelmente conduza a outro avanço tecnológico que lhe permita manter-se à frente da concorrência capitalista cognitiva? A experiência existente ainda não permite uma resposta.

Ao abordar o cooperativismo de plataforma sob a perspectiva dos assistentes sociais, Crystal Kwan (2023) destaca o potencial dessas cooperativas como veículos para promover a justiça social e econômica (Scallion, 2015). Apesar de seu papel ainda não ser amplamente discutido no discurso e prática do serviço social, a autora propõe formas de envolvimento dos assistentes sociais no movimento de cooperativismo de plataforma, enfatizando a necessidade de uma abordagem interseccional feminista.

No entanto, ao concluir o trabalho com uma crítica ao movimento, destaca que desigualdades podem persistir nas cooperativas de plataforma, assim como nas tradicionais (Schor, 2016). As cooperativas ainda podem revelar desigualdades de raça, classe e gênero, exigindo sensibilidade para evitar a reprodução dessas discriminações. A autora ressalta a importância das influências feministas interseccionais no desenvolvimento desse novo modelo para torná-lo verdadeiramente transformador e inclusivo. Advoga também pela renda básica universal (RBU) como uma intervenção alinhada com uma perspectiva interseccional do serviço social feminista.

Denise Kasparian, Agustina Súnico, Julieta Grasas e Júlia Cófreces (2023) promovem uma reflexão importante ao questionarem a alegação comum de que as plataformas digitais de trabalho representam uma ampliação de oportunidades para as mulheres. Embora muitos acreditem que essas plataformas equilibram o trabalho remunerado e as tarefas domésticas, eliminam barreiras de entrada em setores tipicamente masculinos e fomentam a independência econômica e as redes profissionais, estudos indicam que persistem disparidades salariais, divisões sexuais no trabalho, segregações profissionais e estereótipos de gênero.

A pergunta central é: até que ponto as novas formas de trabalho mediadas por plataformas digitais promovem novas oportunidades para as mulheres? Para explorar essa questão, as pesquisadoras conduziram uma pesquisa comparativa sobre a inclusão socioeconômica de mulheres de baixa renda em plataformas digitais, contrastando o modelo das corporações com a alternativa emergente das cooperativas de plataforma. A pesquisa concentrou-se em duas plataformas: Zolvers, estabelecida em 2013, na Argentina, e Up & Go, fundada em Nova York, em 2017. A abordagem das autoras sob a perspectiva de gênero contribuiu significativamente para o campo da economia digital.

Os resultados indicam que a via cooperativa se apresenta como uma opção viável para melhorar as condições de trabalho e os padrões de vida das mulheres de baixa renda, promovendo sua participação econômica e política. O exemplo de uma das cooperativas analisadas ilustra como o cooperativismo e as economias sociais e solidárias oferecem soluções coletivas para a inclusão socioeconômica das mulheres em situação vulnerável, além de desenvolver estratégias mais amplas de mudança social. A participação ativa das mulheres na governança e na concepção tecnológica desafia estereótipos de gênero, divisões sexuais no trabalho e acordos tecnológicos que buscam individualizar as tarefas.

O estudo de caso centrado na plataforma Eva, concorrente da Uber em Quebec, fornece insights sobre os desafios e tensões enfrentados por uma cooperativa solidária que busca equilibrar objetivos sociais e econômicos. O trabalho de Olivier Rafélis de Broves (2022) destaca a complexidade estrutural inerente ao modelo cooperativo da Eva e como ele interage com o ambiente competitivo e financeiro.

Um dos principais objetivos da Eva Coop é prevenir a precarização da força de trabalho. Um dos meios para isso é através da governança compartilhada, envolvendo os motoristas nas decisões. A tentativa de devolver autonomia aos trabalhadores desafia as estruturas tradicionais das plataformas digitais corporativas.

No entanto, o hibridismo da Eva, ao ser uma cooperativa solidária constituída como sociedade por ações, gera tensões e conflitos. A coexistência dessas duas formas legais cria dilemas entre eficiência econômica e responsabilidade social, controle e autonomia, hierarquia e democracia. Os fundadores da Eva Coop desempenham um papel crucial no gerenciamento dessas tensões, muitas vezes tendo que arbitrar entre interesses divergentes.

Em resumo, o estudo de caso destaca os esforços da Eva Coop em equilibrar os objetivos sociais com os econômicos, mas também destaca as tensões inerentes a esse modelo híbrido. A análise aponta para desafios estruturais complexos que a organização enfrenta ao navegar nas demandas do ambiente competitivo e financeiro, ao mesmo



tempo em que busca preservar os valores cooperativos e a participação dos trabalhadores na tomada de decisões.

Por sua vez, Juan Manuel Dieste Cobo (2020) conclui que, do ponto de vista técnico-doutrinário, é desafiador definir ou delimitar os diversos modelos que emergem e se desenvolvem impulsionados pelas novas tecnologias e em torno das plataformas digitais. Para o autor, qualquer tentativa de conceituação representa uma abordagem para capturar e conter um fenômeno em constante expansão, daí sua complexidade. No entanto, essa diversidade é simultaneamente uma expressão do potencial e da riqueza desses modelos. Alguns ressaltam os paralelos entre a economia colaborativa e a economia social. Contudo, uma análise mais profunda destaca que esses modelos não operam em paralelo; pelo contrário, interconectam-se e influenciam-se mutuamente, permitindo que uma organização ou projeto tenha origem na economia colaborativa e evolua para formas de economia social e vice-versa.

Assim, uma conceituação mais precisa poderia incorporar uma concepção que reflita dinamicamente a ideia de evolução ou continuum. O desafio atual reside em posicionar os bens comuns no cerne da economia colaborativa. Restaria garantir o acesso democrático a essa tecnologia e utilizá-la de maneira social e ecologicamente responsável para assegurar modelos de negócios centrados nas pessoas, promovendo a inovação social com uma perspectiva participativa e humanística.

## Considerações finais

O presente artigo de revisão teve como objetivo mapear a literatura emergente sobre cooperativismo de plataforma. Ao longo do processo de revisão, identificamos 24 artigos publicados entre 2011 e 20 de outubro de 2023 que abordavam direta ou indiretamente o tema em questão, sendo que doze deles se concentravam especificamente na temática do cooperativismo de plataforma.

A análise dos artigos revela uma notável diversidade nas formas organizativas que permeiam o amplo debate sobre o cooperativismo de plataforma. A revisão reflete um interesse crescente em cooperativas de plataforma que buscam se diferenciar e se apresentar como alternativas aos modelos convencionais de plataformas digitais corporativas. Apesar das ambiguidades e complexidades inerentes ao processo de construção de alternativas, o cooperativismo, e, por extensão, o cooperativismo de plataforma, emerge como uma viável e concreta possibilidade para a geração de trabalho e renda, atuando no enfrentamento dos impactos do neoliberalismo sobre o emprego e a crescente precarização do trabalho.

Destacamos, a partir da análise dos artigos, que, mesmo considerando algumas ressalvas relacionadas aos limites e desafios inerentes a qualquer cooperativa, todos convergem para apontar o cooperativismo de plataforma como um contraponto e possibilidade alternativa, sobretudo, às consequências das plataformas corporativas. Este modelo surge principalmente como uma forma de enfrentar os impactos das plataformas corporativas sobre os trabalhadores, a gestão de dados e pela busca por uma administração mais democrática.

Algumas experiências positivas foram apontadas por meio dos estudos de caso, destacando resultados relacionados à capacidade de gerar trabalho e renda, especialmente

para a juventude e para as mulheres, e com efeitos positivos sobre a saúde física e mental dos trabalhadores.

No entanto, surge uma discussão teórico-prática crucial relacionada ao próprio conceito de cooperativas de plataforma, conforme apontou Sandoval (2021). Tal questão remete a um dilema clássico no âmbito do cooperativismo, ressaltado, por exemplo, por Marx, que observa o fato das cooperativas operarem fora do sistema de trabalho assalariado, transcendendo a tradicional divisão entre os detentores do capital e meios de produção, de um lado, e os trabalhadores, do outro. Nesse sentido, as cooperativas apresentariam um potencial de novidade revolucionária. Contudo, paradoxalmente, elas coexistem e operam dentro do contexto capitalista, sendo necessariamente compelidas a participar do mercado capitalista, reproduzindo assim os desafios inerentes ao sistema de produção capitalista (Marx, 2017, p. 498).

A ambivalência em relação às cooperativas faz-se sentir, apresentando-se teoricamente como entidades radicais em sua proposta política, mas nem sempre conseguindo traduzir essa radicalidade na prática, não sendo automaticamente anticapitalistas. Nesse contexto, Sandoval (2020) identifica três problemas potenciais: a autoexploração por parte dos próprios trabalhadores, o risco de criar um nicho ou gueto alternativo, e, por fim, a possibilidade de se tornarem apolíticas e acríticas.

Vários dos artigos examinados destacam essa ambiguidade ao ressaltarem as contradições e complexidades inerentes ao funcionamento dessas iniciativas. Eles apontam a dificuldade de conciliar os princípios do cooperativismo, tais como a democracia na gestão, propriedade comum, distribuição equitativa dos resultados entre os cooperados, promoção e educação dos sócios nos fundamentos do cooperativismo, e solidariedade, contrastados com a lógica competitiva e individualista inerente ao modo de produção capitalista. Grohmann *et al* (2018) destacam a ambivalência da lógica cooperativa em comparação com a abordagem de startup e empreendedorismo, que ainda podem prevalecer em certas experiências cooperativas.

Outro aspecto digno de atenção refere-se aos desafios do ambiente regulatório e financeiro, frequentemente adversos às cooperativas (De Broves, 2022). Daí a crucial importância de uma atuação política robusta capaz de influenciar a formulação de marcos regulatórios mais propícios, por meio do desenvolvimento e implementação de políticas públicas adequadas.

Dentre os doze artigos submetidos à análise, cinco abordam a temática do comum ou dos bens comuns (Cobo, 2020; Evangelos Papadimitropoulos, 2021; Nicoli Massimiliano e Luca Paltrinieri, 2019; Jan J. Zygmuntowski, 2018) enxergando no cooperativismo de plataforma uma proposta de contra-ataque igualitário e sustentável, alinhado com as premissas do bem comum (Zygmuntowski, 2018). Esses estudos visualizam nessas experiências cooperativas a possibilidade de transição do atual modelo de capitalismo de plataforma para uma economia ética pós-capitalista, orientada para o bem comum (Papadimitropoulos, 2021).

Persiste a necessidade de superar desigualdades e opressões que, embora possam se manifestar de maneira menos acentuada, ainda perduram no modelo cooperativista. Essas desigualdades estão intrinsecamente relacionadas a questões de raça, classe e gênero,

demandando uma sensibilidade contínua para evitar a reprodução dessas formas de discriminação (Kwan, 2023).

Além das considerações apresentadas a partir dos estudos já mencionados, é crucial destacar que existem questões em aberto que requerem aprofundamento e investigações teóricas e empíricas em diversas áreas. Entre elas, destaca-se a necessidade de políticas públicas efetivas para estimular o desenvolvimento de cooperativas de plataforma. É igualmente relevante explorar a importância de estabelecer conexões sólidas com o movimento sindical na luta por políticas econômicas e sociais que visem a construção de sociedades mais justas e igualitárias, utilizando experiências cooperativas como um instrumento para tanto.

Aprofundar a discussão sobre se as cooperativas estão destinadas a se limitar a um nicho de mercado ou se possuem um potencial emancipatório e político, representando os germes de uma nova sociedade nos interstícios do capitalismo, é outra área que demanda maior investigação.

## Referências

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas**, v. 18, n. 3, p. 41-51, 2019. Disponível em: <https://www.cesit.net.br/wp-content/uploads/2019/11/ARTIGO-L-C-ABILIO.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2023.

ALVEAR, Celso Alexandre; NEDER, Ricardo; SANTINI, Daniel. Economia Solidária 2.0 por um cooperativismo de plataforma solidário. **P2P & Inovação**, v. 9, n. 2, p. 42-61, 2023. DOI: <https://doi.org/10.21721/p2p.2023v9n2.p42-61>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/p2p/article/view/6268>. Acesso em: 14 dez. 2023.

ANTUNES, Ricardo (org). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ARAÚJO, José Newton Garcia de. Neoliberalismo e horizontes da precarização do trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, Brasil, v. 23, n. 1, p. 79-93, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v23i1p79-93>. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172020000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172020000100007). Acesso em: 14 dez. 2023.

ANWAR, Mohammad Amir; GRAHAM, Mark. Hidden transcripts of the gig economy: labour agency and the new art of resistance among African gig workers. **Environment and planning A: economy and space**, v. 52, n. 7, p. 1269-1291, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0308518X19894584>. Acesso em: 14 dez. 2023.

BASSETTI, Chiara; SCIANNAMBLO, Mariacristina; LYLE, Peter; TELI, Maurizio; DE PAOLI, Stefano; DE ANGELI, Antonella. Co-designing for common values: creating hybrid spaces to nurture autonomous cooperation. **Co Design**, Inglaterra, v. 15, n. 3, p. 256-271, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15710882.2019.1637897>. Acesso em: 14 dez. 2023.

BAUWENS, Michel; KOSTAKIS, Vasilis; PAZAITIS, Alex. **Peer to peer**: the commons manifesto. Londres, Universidade de Westminster, 2019.

BOLZAM, Angelina Cortelazzi; PINTO, Clayton Aparecido. Benefícios da criação de uma plataforma de negócios exclusiva para atendimento dos condomínios residenciais do estado de São Paulo. **Revista de Gestão e Organizações Cooperativas RGC** – Santa Maria, RS, v. 6, n. 12, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/rgc/article/download/36741/pdf/202777>. Acesso em: 14 dez. 2023.

CASSINO, João Francisco; SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Colonialismo de dados**: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

COBO, Juan Manuel Dieste. Las plataformas colaborativas como oportunidad para la innovación social. **REVESCO**: revista de estudios cooperativos, Espanha, n. 133, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://revesco.es/txt/REVESCO%20N%20133.3%20Juan%20Manuel%20DIESTE%20COBO.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2023.

DALMORO, Marlom; WEGNER Douglas; SCHIAVI, Janaina Mortari. Princípios do Cooperativismo de Plataforma nos arranjos de mercado. **Rimar**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 47- 58, jan./jun. 2023. DOI: <https://doi.org/10.4025/rimar.v13i1.66452>. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rimar/article/view/66452>. Acesso em: 14 dez. 2023.

DE BROVES, Olivier Rafélis. Les coopératives au secours des travailleurs de plateforme: quelles innovations contre l’ubérisation? **Canadian journal of nonprofit and social economy research**, v. 13, v. 1 (numéro spécial), p. 92-114, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/socsci12100579>. Disponível em: <https://anserj.ca/index.php/cjnser/article/view/542/356>. Acesso em: 14 dez. 2023.

DIP, Juan Antonio; SIMES, Horacio; BENÍTEZ, Juan Pablo. Cooperacion y reciprocidad en la economia colaborativa de Airbnb. Un estudio para la provincia turistica de Misiones, Argentina. **Revesco**: revista de estudios cooperativos, n. 135, p. 69176-69176., 2020. DOI: <https://doi.org/10.5209/reve.69176>. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/REVE/article/view/69176>. Acesso em: 14 dez. 2023.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. Boitempo, 2023.

FERRERI, Mara; SANYAL, Romola. Platform economies and urban planning: Airbnb and regulated deregulation in London. **Urban Studies**, v. 55, n. 15, p. 3353-3368, 2018. DOI: 10.1177/0042098017751982. Disponível em: <https://ideas.repec.org/a/sae/urbstu/v55y2018i15p3353-3368.html>. Acesso em: 14 dez. 2023.

FUCHS, Christian. The digital commons and the digital public sphere: how to advance digital democracy today. **Westminster Papers in communication and culture**. Inglaterra, v. 16, n. 1, p. 9-26, 2020. DOI: <https://doi.org/10.16997/wpcc.917>.

GRAHAM, Mark; HJORTH, Isis; LEHDONVIRTA, Vili. Digital labour and development: impacts of global digital labour platforms and the gig economy on worker livelihoods. **Transfer: european review of labour and research**, v. 23, n. 2, p. 135-162, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1177/1024258916687250>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1024258916687250>. Acesso em: 14 dez. 2023.

GROHMANN, Rafael *et al.* Cooperativismo de plataforma e suas contradições: análise de iniciativas da área de comunicação no Platform.Coop. **Liinc em Revista**, v. 14, n. 1, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v14i1.4149>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/4149>. Acesso em: 14 dez. 2023.

KASPARIAN, Denise; SÚNICO Agustina; GRASAS Julieta; CÓFRECES Julia. Socio-labour inclusion of low-income women in the digital economy: a comparison between corporate and cooperative domestic work platforms. **Social Sciences Sci**, v. 12, n. 10, 579, 2023. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-0760/12/10/579>. Acesso em: 14 dez. 2023.

KWAN, Crystal. Toward an inclusive digital economy for all: Perspectives from an intersectional feminist social work lens. **International Social Work**, v. 66, n. 3, p. 798-816, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177%2F00208728211009579>.

LAMPINEN, Airi; MCGREGOR, Moira; COMBER, Rob; BROWN, Barry. Member-Owned alternatives: exploring participatory forms of organising with cooperatives. **Proceedings of the ACM on human-computer interaction**, Inglaterra, v. 2 (CSCW), p. 1-19, 2018. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/10.1145/3274369>. Acesso em: 14 dez. 2023.

LE LAY, Stéphane; LEMOZY, Fabien. Does platform cooperativism represent a future for work? The case of a French cooperative of bike couriers. **Organization**, v. 30, n. 5, p. 830-850, 2023.

LEITE, Kelen Christina. Trabalho precário: precariado, vidas precárias e processos de resistências. **Política & Trabalho**, n. 51, p. 108-125, 2020.

LOVETT, Matthew. Directions in music: stakeholder perspectives on blockchain innovations in music streaming. **Frontiers in blockchain**, Suíça, v. 3, 2020. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fbloc.2020.506721/full>. Acesso em: 14 dez. 2023.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

MASSIMILIANO Nicoli; PALTRINIERI, Luca. Platform cooperativism: some notes on the becoming "common" of the firm. **South Atlantic Quarterly**, E.U.A., v. 118, n. 4, p. 801-819, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1215/00382876-7825624>.

MORELL, Mayo Fuster; ESPELT, Ricard. A framework for assessing democratic qualities in collaborative economy platforms: analysis of 10 cases in Barcelona. **Urban science**, Suíça, v. 2, n. 3, p. 61, 2018. DOI: <https://doi.org/10.3390/urbansci2030061>. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.diggeo.2021.100020>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2413-8851/2/3/61>. Acesso em: 14 dez. 2023.

MELLO ROSE, Filipe. The unexpected persistence of non-corporate platforms: the role of local and network embeddedness. **Digital geography and society**, Alemanha, v. 2, p. 100020, 2021.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu, 2018.

OTERO, Analia Elizabeth. Juventudes, cooperativismo y plataformas digitales. Una experiencia argentina en construcción. **Revista de Ciencias Sociales**, Argentina, n. 180, p. 91-103, 2023. DOI: <https://doi.org/10.15517/rcs.v0i180.55838>. Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/sociales/article/view/55838>. Acesso em: 14 dez. 2023.

PAPADIMITROPOULOS, Evangelos. Platform capitalism, platform cooperativism, and the commons. **Rethinking Marxism**, v. 33, n. 2, p. 246-262, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/08935696.2021.1893108>. Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/sociales/article/view/55838>.

PASSONI, Andrea; PIEVATOLO Maria Chiara. Economia delle piattaforme e architettura digitale delle scelte. Appunti sull'alternativa cooperativa. **Bollettino telematico di filosofia política**, Itália, 2016. Disponível em: <https://archiviomarini.sp.unipi.it/692/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

ROQUE, Isabel. Ciberativismo e sindicalismo em call-centers portugueses. *In*: **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

SANDOVAL, Marisol. Entrepreneurial activism? Platform cooperativism between subversion and co-optation. **Critical Sociology**, v. 46, n. 6, p. 801-817, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0896920519870577>. Acesso em: 14 dez. 2023.

SCALLION, Matt. **Worker-Owned Cooperatives and the Social Work Community**. 2015 Master's Thesis - California State University, Long Beach, CA.

DALMORO, Marlon; WEGNER, Douglas; SCHIAVINI, Janaina. Princípios do Cooperativismo de Plataforma na Construção de Arranjos de Mercado. **Revista Interdisciplinar de Marketing**, v. 13, n. 1, p. 47-58, 2023.

SCHOLZ, Trebor. **Cooperativismo de plataforma**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo; Editora Elefante; Autonomia Literária, 2016.

SRNICEK, Nick. **Capitalismo digital**: Google, Facebook, Amazon e la nuova economia del web. Roma: Luiss University Press, 2017.

SCHOR, Juliet. Old Exclusion in Emergent Spaces. *In*: T. Scholz and N. Schneider (eds) **Ours to Hack and to Own: The Rise of Platform Cooperativism, a New Vision for the Future of Work and a Fairer Internet**. New York: Anthology Selection, 2016, p.38-42.

VECCHI, Benedetto. **Il Capitalismo delle piattaforme**. Roma: Manifestolibri, 2017.

WACHSMUTH, David; WEISLER, Alexander. Airbnb and the rent gap: Gentrification through the sharing economy. **Environment and planning A: economy and space**, v. 50, n. 6, p. 1147-1170, 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0308518X18778038>. Acesso em: 14 dez. 2023.

WEGNER, Douglas *et al.* A systematic review of collaborative digital platforms: structuring the domain and research agenda. **Review of managerial science**, p. 1-33, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s11846-023-00695-0>. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/373631264\\_A\\_systematic\\_review\\_of\\_collaborative\\_digital\\_platforms\\_structuring\\_the\\_domain\\_and\\_research\\_agenda](https://www.researchgate.net/publication/373631264_A_systematic_review_of_collaborative_digital_platforms_structuring_the_domain_and_research_agenda). Acesso em: 14 dez. 2023.

WHITTEMORE, Robin; KNAFL, Kathleen. The integrative review: updated methodology. **Journal of advanced nursing**, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16268861/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

WOODCOCK, Jamie. O panóptico algorítmico da Deliverro: mensuração, precariedade e a ilusão do controle. *In*: ANTUNES, Ricardo. (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ZYGMUNTOWSKI, Jan J. Commoning in the digital era: platform cooperativism as a counter to cognitive capitalism. **Praktyka Teoretyczna**, Polónia Numer, v. 1, n. 27, 2018. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/328212416\\_Commoning\\_in\\_the\\_Digital\\_Era\\_Platform\\_Cooperativism\\_as\\_a\\_Counter\\_to\\_Cognitive\\_Capitalism](https://www.researchgate.net/publication/328212416_Commoning_in_the_Digital_Era_Platform_Cooperativism_as_a_Counter_to_Cognitive_Capitalism). Acesso em: 14 dez. 2023.

Submetido em: 07/05/2024

Aprovado em: 23/12/2024

Publicado em: 31/12/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença  
[Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)